

A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES: UM PROCESSO DE FORMAÇÃO EFETIVO E EMANCIPATÓRIO*

Ana Maria Justo Pizetta**

RESUMO

Esse artigo pretende resgatar, refletir e registrar para a história, especialmente do Movimento Sem Terra, a trajetória de construção, com terra, da Escola Nacional Florestan Fernandes – ENFF, colocando à disposição do meio acadêmico e de outros/as interessados/as, como subsídio e objeto de pesquisa. Por ser a construção, um campo novo para o MST, tornou-se importante analisar como a ação de construir edifícios com o exercício do trabalho (voluntário) e da solidariedade, foi um campo fértil para a formação das pessoas que participaram deste processo.

Palavras Chaves: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, Escola Nacional Florestan Fernandes-ENFF, trabalho voluntário, solidariedade, processo formativo.

RÉSUMÉ

Cet article veut sauver, réfléchir et enregistrer pour l'histoire, notamment celle du Mouvement Sans Terre, le développement de la construction, avec terre, de l'École National –ENFF, et veut être aussi à disposition du milieu académique et d'autres intéressés, en tant que soutien et objet de recherche. La construction, nouveau domaine pour le MST, est devenu important pour analyser comment l'action de construire des bâtiments avec le travail (volontaire) et la solidarité, est-il un terrain fertile pour la formation des personnes que participent de ce processus.

Mots clés: Mouvement des Travailleurs Ruraux Sans Terre-MST, École National Florestan Fernandes-ENFF, travail volontaire, solidarité, processus de formation.

INTRODUÇÃO

*“... Legitimam-se não pela propriedade, mas pelo trabalho,
neste mundo em que o trabalho está em extinção...
Legitimam-se porque fazem História,
Num mundo que já proclamou o fim da História.”
(Pedro Tierra)..*

* A monografia foi apresentada como requisito para obtenção de diploma de Especialista em Estudos Latinoamericanos, na Universidade Federal de Juiz de Fora, em agosto de 2005.

** Socióloga, especialista em Estudos Latino-americanos pela Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, militante no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, atuando na Escola Nacional Florestan Fernandes, a partir do Coletivo de Projetos.

Objetiva-se com esse trabalho, resgatar e refletir sobre como uma ação, aparentemente trivial, de construir edifícios, transforma-se, no âmbito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, um campo fértil para o exercício do trabalho voluntário e coletivo, associado à prática da solidariedade e do companheirismo, na perspectiva da formação humana.

Trata-se do processo de construção da Escola Nacional Florestan Fernandes - ENFF¹ como um importante aprendizado, principalmente à luz dos depoimentos dos próprios participantes desta experiência, que se transformou em uma escola para além da escola, da qual todos os que estiveram envolvidos retiraram lições para suas vidas e para a militância no MST.

O processo de construção da ENFF compreende o período de 22 de março de 2000² a 23 de janeiro de 2005³, configurando-se em torno de 12 mil horas trabalhadas por 1.000 pessoas (927 homens e 63 mulheres), representando 112 assentamentos e 230 acampamentos, os quais foram organizados em 25 Brigadas de Trabalhadores e Trabalhadoras Voluntários⁴, representando 20, dos 23 estados, nos quais o MST se faz presente.

Esta experiência foi possibilitada, a partir das vivências no dia-a-dia, destas pessoas que se desafiaram, no decorrer de cinco anos, a compor as Brigadas, abertas para o desconhecido, construindo juntos, “o novo”, deixando registrada a sua contribuição imprescindível para a história da classe trabalhadora e, especialmente para o MST, através do exemplo de esforço, trabalho (voluntário) e da solidariedade, demonstrando que os aprendizados se dão a partir das práticas concretas acompanhadas dos processos de formação.

O artigo que ora apresentamos é resultado de uma pesquisa monográfica, que em sua forma original está composta por três capítulos, seguida das considerações finais, com o intuito de comprovar a premissa de que a construção da ENFF constituiu-se em um processo

¹ Escola Nacional está localizada no bairro Parateí, no município de Guararema, grande SP, distante 1,5 km da Rodovia Presidente Dutra e a aproximadamente 60 km da capital, SP, no município de Guararema, grande São Paulo, formado por 23.927 habitantes. Distante aproximadamente 22 km da sede do município.

² Data da chegada da 1ª Brigada de Trabalhadores Voluntários, do MST, na área destinada à construção da ENFF, no bairro Parateí, município de Guararema, SP.

³ Data do Ato de Inauguração efetiva da ENFF.

⁴ Brigadas de Trabalho Voluntário foi o nome que o MST escolheu para os grupos de trabalhadores e trabalhadoras dos assentamentos e acampamentos de reforma agrária, que os estados organizaram, para contribuir na construção da ENFF. Elas permaneciam durante 60 dias no canteiro de obras e eram auxiliadas em seu aprendizado por uma brigada permanente formada por assentados e acampados com experiência na construção com terra, muitos dos quais, capacitaram-se a partir da vivência nos espaços de trabalho da Escola Nacional.

de formação dos trabalhadores e trabalhadoras voluntários, que fizeram parte desta obra e do MST como um todo.

Os trabalhadores e as trabalhadoras assentados e acampados e o tempo de trabalho por eles dedicado voluntariamente na construção da ENFF serão objetos desta abordagem, refletindo-se sobre o relevante papel que desempenharam, exercitando importantes valores como a solidariedade, a disponibilidade para o trabalho, para o estudo, para a aprendizagem contínua na convivência permanente.

1. A DIMENSÃO PEDAGÓGICA E O SENTIDO DO TRABALHO NA CONTRUÇÃO DA ENFF

Tomando por base valores como os acima mencionados, vamos realizar uma “curta viagem” através da pesquisa, vivência e leitura de algumas obras que tratam desses temas, fazendo uma interligação com as práticas vividas pelo MST no processo de construção da ENFF, bem como no processo de luta pela reforma agrária no Brasil.

Neste sentido, resgata-se o tema do trabalho tanto sob a ótica capitalista como o trabalho livre da exploração, incluindo o voluntário, acompanhado pela formação e pelo estudo como elementos fundamentais, juntamente com a prática da solidariedade.

Ao trazer para o debate o trabalho sob a ótica capitalista, Marx, citado por Antunes (2004, p. 9) diz que

sob o capitalismo, o trabalhador freqüentemente não se satisfaz no trabalho, [...] não se reconhece, mas muitas vezes recusa e se desumaniza no trabalho, por isso, alienado frente ao produto de seu próprio trabalho[...] o homem estranha-se em relação ao próprio homem, tornando-se estranho em relação ao gênero humano.

No processo de dominação e exploração do trabalho, diz Marx, mais uma vez citado por Antunes (2004, p.46), é que o sabor do alimento não revela quem o plantou, assim como não é possível reconhecer neste processo “as condições em que ele decorre, se sob o açoite do feitor de escravos, ou sob o olhar ansioso do capitalista”.

No processo de produção capitalista, o trabalhador está alienado do produto de seu trabalho, que é controlado para que tudo se realize de modo a haver o maior lucro possível, e

para que “os meios de produção sejam empregados conforme seus fins, [...] que não seja desperdiçada matéria-prima e que o instrumento de trabalho seja preservado” (ANTUNES, 2004, p.47), para que haja a extração da mais valia.

Marx (1984, p.449-450) aborda ainda o momento em que o capitalista substitui o trabalho do homem pela exploração da mão-de-obra das mulheres e das crianças, como forças de trabalho suplementares à utilização das máquinas, significando um

poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, a maquinaria transformou-se [...] em um meio de aumentar o número de assalariados, sem distinção de sexo e de idade, sob o domínio direto do capital [...] Tornando supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou o desenvolvimento físico incompleto.

Marx quer mostrar que, ao apropriar-se do trabalho das mulheres e das crianças, a partir da utilização das máquinas, o capital confisca a vida inteira do trabalhador, ampliando as possibilidades de material humano explorável, obtendo como resultado, enorme crescimento da produção em um tempo cada vez mais curto.

Mas, o trabalho pode adquirir outro sentido, em diferentes processos e sociedades.

De acordo com Pistrak (2000, p. 48)

graças ao trabalho o homem se torna disciplinado e organizado. É preciso ensinar o amor e a estima ao trabalho em geral. O trabalho eleva o homem e lhe traz alegria; educa o sentimento coletivista, enobrece o homem e é por isso que o trabalho [...] de qualquer tipo, é precioso como meio de educação.

O trabalho realizado na construção da ENFF foi um elemento de grande importância para a mudança de comportamento, de acordo com as reflexões e experiências dos próprios integrantes das Brigadas Temporárias e da Brigada Permanente. A ENFF possibilitou que, através da formação e do próprio trabalho realizado de forma livre, mudassem formas de pensar e de agir, contribuindo para a reflexão sobre os erros e os acertos, na perspectiva de tornar esse processo permanente, no decorrer de suas vidas. Isso pode ser percebido em depoimentos como o de Raquel⁵, quando avalia que “nunca estamos acabados, a Escola

⁵ Raquel Monteiro, 30 anos, assentada no estado do RS, cursando pedagogia.

mostra isso”. Ela refletiu que a escola é um aprendizado para a superação dos nossos vícios e que a liberdade só será possível de alcançar com muita disciplina.

Terrie⁶ (2002, p.1), jovem voluntário da França, relata a sua experiência de trabalho voluntário na construção da ENFF, dizendo que

O trabalho voluntário desenvolvido na Escola Nacional mostrou que é possível trabalhar sem patrão, sem procurar o lucro e ao mesmo tempo ter todos, as vantagens de um bom salário [expresso em] comida, alojamento, higiene, conforto material, lazer e mais as vantagens da política alternativa de uma organização popular... participação nas decisões, ambiente solidário, sem submissão, conforto moral, companheirismo, saúde preventiva, segurança no trabalho, formação política, aquisição de conhecimentos teóricos e profissionais.

Mas isso só foi possível porque os trabalhadores tiveram a certeza de estar construindo o futuro, transformando-se o trabalho em uma necessidade e um dever, mas de forma alegre, comprometida, com o vigor principalmente da juventude, ao contrário do que está imposto pela mentalidade capitalista, da qual estamos ainda impregnados.

Gauchinho⁷ afirmou que “nunca se sabe tudo. Estamos sempre aprendendo e tentando superar o vício da cidade, que é trabalhar com profissionais. Aqui o trabalho é com quem não sabe”. Refletindo sobre a diferença da construção nas cidades, ele diz que lá, se alguém tem uma tarefa e não é capaz de cumpri-la, é dispensado. Na Escola, é necessário ter paciência e ensinar. Essa é a diferença.

A importância que teve o trabalho na construção da ENFF foi que não era mais uma submissão às relações de mercado e ao patrão, mas se transformou em uma vontade de construir, em longo prazo, um bem comum a todos, indo além do bem estar individual. O objetivo entendido pelas brigadas de construção era de estar construindo uma universidade popular aberta às pessoas que não têm oportunidade de estudar, e, para si próprios, para os seus filhos e companheiros de luta, aberta também aos outros movimentos sociais que se somam na luta por um projeto popular para o Brasil.

A disciplina e a presença no trabalho, o cuidado em fazer bem feito, o respeito à obra, o cuidado com as ferramentas, a integração com os coordenadores do trabalho, estavam livres

⁶ Julien Terrie, jovem voluntário francês, que dedicou trabalho voluntário e solidariedade à construção da ENFF, em 2002.

⁷ Leonir dos Santos, o Gauchinho, 40 anos, membro da Brigada Permanente, do RS.

da dominação do patrão e da lógica de mercado e carregados do sentimento de estarem envolvidos em uma construção histórica e pelo compromisso e disposição de doar o trabalho voluntário e coletivo de cada trabalhador.

Ainda sobre o tema do trabalho, Lukács, citado por Antunes (2004, p. 7), afirma que “o trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e de determinados meios”.

Para atingir esse estágio no trabalho, foi preciso que se travasse uma luta para superar a contradição opressor-oprimido, não apenas para angariar liberdade para comer, e sim, como afirma Freire (1981, p. 59) “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se” sendo sujeitos do ato de desvelar a realidade, conhecê-la criticamente e de recriar esse conhecimento.

A construção da ENFF criou a oportunidade para a elevação conjunta das consciências. Schlickmann⁸ diz que,

Por ser um processo participativo, a consciência foi sendo construída; a construção da escola foi também um processo de construção das pessoas. O trabalho voluntário foi significativo e transformou-se em amor à camisa, para ter uma nova escola para os companheiros e para os filhos [...] aprendi que no trabalho voluntário, todos têm o seu valor, cada um tem seu esforço e que merece destaque e valorização. Aprendi que a terra constrói. Eu sempre sabia que a terra servia apenas para produzir a nossa sustentação.

Esta mesma opinião, de que o processo de construção da ENFF contribuiu para uma formação consciente, é refletida por Eridan⁹, quando diz que a ENFF ensina a trabalharem juntos para “tentar solucionar problemas em qualquer parte ou setor”. E parafraseando Che, “fazer antes para depois pedir que os outros façam”.

O trabalho é a possibilidade de aperfeiçoamento do ser humano, que se forma a partir de suas relações com o conjunto da natureza. Neste sentido, diz Marx (1984, p. 202) “o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. A partir dessa reflexão, é possível explicar a importância do debate que se deu em 2001, no canteiro de obras, sobre a implantação de um projeto paisagístico para a ENFF,

⁸ Jair Schlickmann, 24 anos, assentado no PR, membro da Brigada Permanente.

⁹ Eridan Alves Pereira, 28 anos, acampado no RN e membro da Brigada Permanente.

dando início às primeiras discussões, que se estenderam ao longo dos anos e, versavam sobre a arquitetura que ia surgindo da terra - de terra, pedra e pau, trabalhada por mãos especiais, de militantes profundamente envolvidos com o que faziam, com seriedade e alegria.

Sobre isso, Boucinhas (2001, p. 1), arquiteto responsável pelo projeto paisagístico da ENFF, escreveu um depoimento emocionado, onde relatou que

esses cidadãos curiosos, vindos de acampamentos e assentamentos de todo o Brasil, iam dando respostas às questões que levantávamos nas reuniões que começamos a fazer no canteiro de obras, para trocar experiências, visões e conceitos sobre meio ambiente, paisagem, manejo da terra, lazer, descanso, festas.[...] Às nossas perguntas, lançadas para provocar o diálogo, as respostas vinham rápidas, em linguagem precisa e vivida, em palavras e desenhos.

A experiência que se deu no canteiro de obras, desde o ano 2000, possibilitou que a ENFF, no seu processo de construção, se transformasse em um espaço de criação de novas relações sociais e humanas entre as trabalhadoras e os trabalhadores voluntários que, ao aprender a técnica de construir com terra, foram construindo a si mesmos como cidadãos, através dos estudos e do contato com a natureza, do exercício das técnicas de construção com terra, das trocas de experiências, da solidariedade. Resultaram daí, cidadãos melhor preparados, para além do ato simples que seria a construção, em um ambiente externo aos seus assentamentos e acampamentos. Isso possibilitou também que retornassem aos seus estados com esse acúmulo de conhecimentos, somando-se com a construção de si mesmos.

No MST, o trabalho é colocado como uma importante dimensão da formação do ser social; o trabalho como criação da vida, por possibilitar que os seres humanos pensem o fim, os meios e se apropriem dos resultados do trabalho concreto.

Assim, busca resgatar o trabalho como uma criação humana, fundador do ser social, uma atividade humanizadora do homem, como propõe Bento¹⁰

Na escola, trabalha-se voluntariamente para construir algo que será das pessoas e, elas vão poder utilizar e dar continuidade ao trabalho que realizamos aqui. Eu aprendi não só a trabalhar na construção, aprendi a construir com terra, fazendo a análise do solo adequado para a produção dos tijolos. Aprendi ler projetos, através dos cursos que foram ministrados na obra. Assim, aprendi na teoria e na prática. E nos cursos de formação

¹⁰ Bento Ferreira de Souza, 47 anos, acampado em SP, membro da Brigada Permanente.

aprendi sobre as linhas políticas do MST, a formação, através desse processo, foi me construindo, deixei de beber, ajudado pelo coletivo.

O trabalho, para unir as pessoas e não para cumprir hierarquias que colocam as pessoas umas contra as outras, é um caminho para que todos os trabalhadores tenham o seu sustento dignamente, no qual o conhecimento é símbolo de libertação, de exercício de valores humanistas e socialistas na construção das relações pessoais e sociais.

Na perspectiva do MST, o trabalho é uma ação consciente onde o militante é livre para escolher e para construir as alternativas, as possibilidades. Quando ele tiver construído essas alternativas, pode-se dizer que conquistou grande parte de sua liberdade. Ao mesmo tempo, através do trabalho, ele cultiva e reafirma a sua raiz, alimenta a sua identidade como integrante da classe trabalhadora, tendo o trabalho como um valor, exercido com gosto e com amor, sendo criador de uma nova sociedade.

A absorção e a vivência de novos valores no MST deve ser vista como um processo que requer ao mesmo tempo, a negação e a afirmação; a desconstrução e a construção como frutos de um profundo processo de formação, até chegar-se à negação daquilo que identifica a velha sociedade e a afirmação e construção daquilo que é o gérmen da nova sociedade, do homem e da mulher novos. Sabe-se que esse processo não é fácil, porque as pessoas carregam os vícios e o estigma da sociedade na qual nasceram, cresceram e vivem. Isso faz com que vivam de forma desarticulada, acomodada.

Ao despertar para outra realidade, com outras possibilidades, nos acampamentos e assentamentos, e por vir de uma sociedade onde prevaleciam as leis impostas pelo capitalismo, vivenciadas na exploração de si mesmos como mercadorias, os homens e mulheres põem em movimento “as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a sua própria vida” (ANTUNES, 2004, p.36).

Esse processo só tem valor se vier acompanhado pelos processos de formação, através da apropriação dos conhecimentos, possibilitando que os Sem Terra tomem consciência de que são capazes de pensar, de imaginar, de construir um processo em sua imaginação, antes mesmo de colocá-lo em prática.

Na ENFF, ao colocar a força física para fabricar tijolos, subir paredes, fazer piso, cerâmica, reflete, Ademir¹¹

a gente se descobre politicamente e descobre a importância de ser um ser humano, faz se sentir mais humano. Fora da Escola eu era individualista e ignorante. Aqui, eu aprendi 100%, não sabia nada de construção. O exercício do trabalho voluntário faz com que a gente comece a compreender a importância de cada ação que se faz, o respeito aos limites de cada pessoa. Aprendi a doar trabalho, amizade, compreensão.

Na construção da ENFF, a experiência de participar de uma obra onde não havia chefe e nem mestre de obras, na qual os trabalhadores voluntários, ao mesmo tempo em que eram aprendizes, eram os coordenadores, discutiam, organizavam, construíam o processo e, em sua grande maioria, não tinham experiência na construção civil, foi um verdadeiro desafio, de acordo com um dos engenheiros da Integra¹², em cujo depoimento¹³ reflete que

era um desafio trabalhar com equipes que ficariam no máximo 60 dias na Escola, período relativamente curto para aprender, dar continuidade a um trabalho, e com deficiência de mão-de-obra, no sentido da experiência profissional, Então era necessário ir corrigindo, melhorando isso, através de uma formação. Muitos que não tinham experiência acabaram se formando no canteiro de obras e passaram a fazer parte da brigada permanente.

Está claro que é um processo lento, que vai sendo construído a partir do momento em que o Sem Terra começa a apropriar-se do conhecimento, mas que surpreende desde cedo quem vive essa experiência, percebendo que os fins aos quais chegam com suas ações são diametralmente opostos aos anteriores.

Nestes primeiros movimentos de superação da lógica capitalista, o trabalho vai se transformando aos poucos em fonte de dignidade, de uma nova cultura, agora, como trabalho social. Porém, dentro de uma sociedade capitalista, ainda não estão criadas as condições objetivas e subjetivas da apropriação total do trabalho, pelos trabalhadores, de modo que exige uma luta permanente para avançar nas conquistas e conservar o já conquistado.

¹¹ Ademir Goetz, o Biguá, 19 anos, acampado em SC, membro da Brigada Permanente.

¹² Integra é uma Cooperativa de Trabalho Interdisciplinar, que foi responsável pelo acompanhamento à obra e pelo processo de formação das brigadas.

¹³ Depoimento para o Vídeo sobre a Construção da ENFF, 2003.

Na Pedagogia do MST, o trabalho é um dos princípios fundamentais; o trabalho manual, intelectual, o trabalho socialmente útil. Não o trabalho pura e simplesmente mecânico, sem um planejamento, sem objetivo, mas o trabalho, ligado ao estudo, exigindo esforço físico e mental. Trabalho que defenda e preserve o meio ambiente em que se vive, que valorize as raízes (enquanto trabalhadores e trabalhadoras) e leve os seus militantes a sentirem orgulho de serem integrantes deste grande coletivo da classe trabalhadora.

É das mãos e mentes dos trabalhadores, através de um processo de qualificação, humanizador, que nascem as idéias e as práticas novas, mostrando que o trabalho, associado à formação e à reflexão permanente, é capaz de operar transformações, primeiro nos homens através deles próprios, depois na sociedade, para dentro dela vivermos de forma digna.

Na construção da ENFF, estudo e trabalho foram elementos fundamentais para a formação de homens e mulheres novos, cujo conhecimento e a base material vieram juntos, mas com novos valores, formando uma consciência nova também.

Valdir Gilli¹⁴ reflete, que *“o compromisso que temos com nossos assentamentos e acampamentos é levar o que aprendemos sobre a construção e sobre a formação, contribuir com o processo de organicidade e envolver-nos em algum setor”*.

José Arnor¹⁵ concluiu, a partir de sua experiência na escola:

Tenho consciência da liberdade que posso ter ao trabalhar com responsabilidade. Não é necessário um horário, imposto pelo patrão, para que, as pessoas tenham responsabilidade. Tenho consciência hoje, que nós somos o símbolo da luta e de uma sociedade melhor para todos. Isso é possível, mas a gente só aprende no MST. Esse símbolo deve ser divulgado [...] é preciso acenar para a liberdade exercitando os conhecimentos e o que acreditamos para uma sociedade livre.

Marx, citado por Löwy (1999, p. 44) chama essa condição de “a humanidade socializada”, tendo como uma de suas características “a ultrapassagem entre o interesse particular e o interesse público, o indivíduo e a comunidade”. E ainda continua Marx, citado por Löwy que

¹⁴ Valdir Gilli, o apagado, 23 anos, acampado em RO, membro da Brigada Permanente.

¹⁵ José Arnor Sebastião da Silva, 26 anos, acampado no RN, membro da Brigada Permanente.

Um homem mais rico interiormente e mais responsável, ligado aos outros homens por um vínculo de solidariedade real, de fraternidade universal concreta, um homem que se reconhece em sua obra e que, uma vez quebradas as correntes da alienação, ‘atingirá a consciência plena do seu ser social, a sua total realização como criatura humana’.

Sérgio Ferro¹⁶, renomado arquiteto e artista plástico brasileiro, durante homenagem recebida pela contribuição dada à ENFF, declarou emocionado:

A beleza do que vocês estão fazendo é absolutamente extraordinária. Passei minha vida discutindo sobre canteiro de obras, trabalho, e tentando ver como o trabalhador brasileiro é explorado, dia-a-dia, [...]. E vocês aqui [...], estão criando o inverso disso, um trabalho coletivo, um trabalho de união. Um trabalho de respeito mútuo. Um trabalho em que [...] cada um tem o que [...] somar, o que dar de apoio ao outro irmão. (MST, 2003, p. 2)

O trabalho voluntário exercitado no MST possibilita o alcance de conquistas e o crescimento e fortalecimento dos militantes, que vão alimentando a consciência, juntamente com o processo de formação. É a ação diária que cria as condições, que traz os elementos para que, aos poucos, vão se levantando um novo homem e uma nova mulher. Esse desafio vai se construindo desde as pequenas ações e gestos e, em conjunto com a formação, vão se delineando diante dos olhos, da consciência, até que esses os absorvam e os transformem em necessidade e possibilidade da mudança.

Mas, Bogo (2004, p. 113) afirma que

Voluntário não é aquele que está pronto a ser solicitado, mas aquele que já se considera convocado e agindo permanentemente. É quem imagina e faz, tornando-se sempre mais capaz, rebelde, disciplinado e consciente. [...] O trabalho voluntário, portanto, não é uma obrigação, é uma sugestão para fazer um pouco a mais, doar a força para sentir-se iguais no pensar e no dizer, trabalhar é também sentir prazer, por ver cada sonho acontecer. [...] Voluntário é quem faz as coisas por consciência, enfrenta as resistências que existe dentro de si mesmo; organiza-se não faz a esmo o que deve ter destino certo.

¹⁶ Sérgio Ferro é radicado na França. Ele contribuiu com a Campanha de Construção da Escola Nacional, doando 12 trabalhos, com os quais foram produzidos a agenda e o calendário do MST do ano de 2001.

Ao aprender as palavras utilizadas no ramo da construção, ao ler os projetos e depois colocar tudo isso em prática acompanhada no canteiro de obras da ENFF, os voluntários acampados e assentados estavam incluindo em seu currículo de trabalhadores rurais, mais uma profissão: de pedreiro, carpinteiro, encanador, eletricista e, construindo uma nova pedagogia do trabalho, coletivo e voluntário, recheada de solidariedade e relações humanas.

O exercício da solidariedade como um processo da formação colocado em prática, como é exercitado em todos os âmbitos do MST, não se restringiu ao canteiro de obras, ele ultrapassou os muros da ENFF e foi organizado nos momentos que poderiam ter sido para descanso, se proliferou pela comunidade próxima, em forma de ajuda permanente às pessoas mais carentes, na construção de casas, doação de material excedente, reforma, fabricação de bancos e construção de barracões para as festas da igreja do bairro, limpezas do campo de futebol, construção e reforma da escola estadual existente no bairro, e produção de horta para a merenda dos alunos.

De grande expressão foi a construção de um protótipo de uma “casa-modelo dos assentamentos”, em um projeto social da Cáritas Reginal - SP, chamado Luxo do Lixo, em parceria com a Cáritas alemã. A casa construída com terra e trabalho voluntário e coletivo propôs ser um espaço para mostrar diferentes experiências alternativas ambientais como a reutilização da água da chuva para os banheiros e o sistema de ventilação ambiental, a partir de outras tantas experiências já existentes naquele contexto, como a reciclagem de plástico, como um espaço de reintegração de meninos de rua.

Surpreendeu até mesmo os seus construtores pela beleza, como declararam alguns membros de uma das brigadas, que quem visitava ficava boquiaberto e eles se perguntavam se tinham sido eles mesmos que haviam construído.

Pistrak (2000, p.54) afirma que a vida coletiva é bastante difícil para as pessoas, mas que ela é muito importante para o processo de transformação social; e diz mais, que se quisermos desenvolver a vida coletiva

devemos formar entre os jovens não somente a aptidão para esse tipo de vida, mas também a necessidade de viver e trabalhar coletivamente na base da ajuda mútua, sem constrangimentos recíprocos [...]. O costume de viver coletivamente deve ser formado [...] tendo como base as tarefas domésticas coletivas [...] desenvolvendo-se [...] o sentimento e a compreensão da necessidade e da utilidade sociais destas tarefas [...] e o grande papel social

desempenhado por todos esses pequenos hábitos na transformação do conjunto de nossa vida.

Pistrak traz para a reflexão o que, na ENFF, foi exercitado na trajetória dos trabalhadores e trabalhadoras voluntários, nas suas práticas coletivas permanentes, transformando pequenas tarefas, em espaços de construção de si próprios, tais como: limpeza e higiene dos alojamentos, das roupas; dos espaços da Escola e entorno da obra; embelezamento e cuidados com os ambientes de estudo, de trabalho e de convivência; lavagem de roupas; produção e distribuição de alimentos e manutenção da cozinha; entre outros.

A importância das tarefas domésticas, destacadas por Pistrak, está em que, ao exercitá-las coletivamente, passa-se a compreender o seu papel social. Sobre esse elemento, Eridan, explicou sua disposição em contribuir sempre. Por isso, nos finais de semana, principalmente aos domingos, quando seria um dia de folga, buscava alguém que necessitasse de ajuda, encontrando algo útil para fazer, inclusive o trabalho na cozinha.

Guevara (2002, p. 61) enfatiza a importância da associação do trabalho à formação quando reflete que

a formação e a educação permanentes e o mais completas possível, são metas fundamentais, mas que sejam integradas com o trabalho de forma sistemática e permanente, principalmente o exercício do trabalho voluntário, em momentos específicos ou juntamente com o estudo.

Essa formação é o que mais se identifica com a sociedade que se pretende ver surgir a partir da luta por transformações sociais, das quais, a reforma agrária é a principal, onde o trabalho perde a característica de obsessão evidenciada no mundo capitalista, no qual cada indivíduo está isolado, lutando por sua sobrevivência. Nesta nova sociedade que se almeja, o trabalho passa a ser o ponto de partida do processo de humanização do trabalhador. O trabalho passa a ser uma atividade prazerosa, que realmente é sentida como algo que enobrece o homem, cada um cumprindo com suas responsabilidades definidas no coletivo e em benefício comum.

O trabalho conjunto, dos membros das brigadas, acompanhado, pela formação, criou a possibilidade de crescimento, mas foi mais desafiador, foi um processo lento, ao qual iam se incorporando novos conceitos aos antigos, através da disciplina consciente, a partir da qual

passaram a compreender que esta forma é mais justa, mais coerente e através dela podiam visualizar o amanhã.

Foi unanimidade entre os membros da Brigada Permanente, que a ENFF foi um processo desafiador por possuir uma linguagem nova, mas, além disso, ela uniu as pessoas e fez com que tivessem o desejo de estudar mais, de participar, de transformar-se e transformar a realidade. Foi uma construção de via dupla, na qual as pessoas tinham liberdade para se construir, para deixar seus vícios.

Mas Guevara (2002, p.31) nos lembra que “a mudança não se dá automaticamente na consciência, [...] as variações são lentas e não são rítmicas; há períodos de aceleração, outros pausados e, inclusive, de retrocesso”. Neste sentido, nas experiências acumuladas no processo de formação do MST, o estudo está intrinsecamente ligado ao trabalho em grande parte voluntário e, onde o ser humano vai formando no dia-a-dia o seu espírito revolucionário.

Freire (1981), orientado pelas idéias de Che, propõe que, em uma nova sociedade, a formação deve ser um processo ativo no qual as pessoas se educam a si próprias através do estudo e do trabalho coletivo, ligando-se aos seus companheiros e aos outros homens, por um forte elo de solidariedade.

Che, citado por Löwy (1999, p. 44), diz que “essa educação, não é, nem pode ser, uma aprendizagem puramente passiva: deve ser igualmente e acima de tudo, uma auto-educação [...] é preciso que o povo se eduque a si próprio”. A ENFF tem esse propósito de ser um processo de criação de uma educação que possibilita, a cada trabalhador ou trabalhadora, voluntário, um espaço de reflexão a partir de suas próprias vivências e das possibilidades de conduzir os processos de suas mudanças.

E a prática conjunta vem como um importante elemento para ir, aos poucos, rompendo definitivamente com o velho, que é reforçado insistentemente pelo capitalismo, e utilizar o trabalho, que antes era individual e que sugou as energias nas fábricas, nas multinacionais, na construção dos imensos arranha-céus, sob o jugo dos patrões, numa nova perspectiva, voluntária, intrinsecamente ligada ao estudo, ao conhecimento, fortalecendo a militância e para que o trabalho, sem o qual, nos diz Che, nada pode existir, seja um agente de avanços do ser humano e de suas mudanças sociais.

Bogo (2004, p. 1) reforça a importância e a necessidade da construção como elemento de um processo de formação quando afirma que

Edificar é o jeito de mostrar como queremos a nova sociedade. É antecipar através da construção o que já está em nosso coração. Somos edificantes e edificados. Homens e mulheres lado a lado fazendo o que junto planejamos. Nascemos para forjar mudanças. Os braços agem como lanças, nas lutas, no trabalho ou folheando páginas escritas.

Em suma, as trabalhadoras e os trabalhadores voluntários da construção da ENFF foram as construtoras e os construtores de um futuro que estava apenas no desenho, mas que, com dedicação, empenho e muito estudo, se transformou em um espaço que hoje já põe em prática a formação daqueles e daquelas que a ela se dedicaram, fazendo da organização uma força indestrutível que serve como combustível, para mover a história.

2. O SENTIDO DA SOLIDARIEDADE E DOS VALORES NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO

Através da luta por dignidade nos acampamentos e assentamentos de reforma agrária, é possível ir construindo uma sociedade mais justa e igualitária tendo à frente o exemplo prático de homens, mulheres, jovens e crianças militantes, a fim de que, como diz Guevara (2000, p.120)

purifique o melhor do homem através do trabalho, do estudo, do exercício da solidariedade continuada com o povo e com todos os povos do mundo. Que se desenvolva ao máximo a sensibilidade para sentir-se angustiado quando se assassina um homem em outro lugar do mundo e para sentir-se entusiasmado quando em algum lugar do mundo se levanta uma nova bandeira de liberdade (tradução da autora).

Che é, além de tudo, exemplo da solidariedade internacionalista e nos exorta de que não podemos ficar limitados pelas fronteiras do território, diz que nossa tarefa é praticar o internacionalismo e a solidariedade para com a América e com outros países do mundo que lutam também em outros continentes por sua liberdade, contra o imperialismo, contra todas as formas de opressão dos sistemas injustos, para serem como tochas acesas nas quais eles mesmos sejam o espelho onde se vejam os povos da América e do mundo, oprimidos, que lutam por sua liberdade.

Neste sentido, a solidariedade ultrapassa as fronteiras do MST e vai trocar conhecimentos e experiências com outras organizações do Brasil, da América Latina e de outros países do mundo, transformando-se em novas possibilidades de avanço para as organizações, as quais não tinham nenhuma referência de qual caminho seguir. Certamente, são os trabalhadores que saem vitoriosos, e, essa prática foi o que possibilitou a consecução deste projeto que hoje é a ENFF, como reforçou o Comitê de Barcelona (2005, p. 1) que

[...] as e os Sem Terra, trabalhando em coletividade, com esforço e firmeza, conseguiram de novo fazer realidade um sonho. Nós, amigas e amigos do MST, tivemos a honra de acompanhar a vocês nessa longa viagem desde que a Escola era só um projeto, depois um terreno, e por último uma construção.

Temos a possibilidade de ser criadores da sociedade nova, destinados a viver um mundo novo. Para alcançar isso, devemos trabalhar todos os dias, no sentido de aperfeiçoar-nos interiormente, de aumentar os conhecimentos, de aumentar a compreensão do mundo que nos rodeia, de perguntar, verificar e conhecer bem o porquê das coisas e de sentir sempre os grandes problemas da humanidade como problemas próprios.

É importante que todo o conjunto da organização compreenda, lembra Bogo (2000, p. 54), que a

Solidariedade é mais do que doar o que nos sobra, mas também o que nos pode fazer falta, por entendermos que o ser humano tem esta possibilidade de permitir que todos os povos tenham o direito de satisfazer suas necessidades, mesmo que isso dependa da ajuda e da participação solidária de todos.

Bento, define que

A **solidariedade** foi um traço muito forte entre todos que compunham as brigadas, se ajudando para que todos tivessem as mesmas oportunidades, de aprender o que nos empregos dos patrões não era possível. A solidariedade se transformou em um valor muito significativo.

Ninguém melhor do que Che representa o espírito voluntário, humanista, solidário e internacionalista, a dedicação ao estudo, que se resgata permanentemente, servindo de

exemplo na luta para a construção do homem e da mulher novos, que o MST tem como um de seus maiores desafios construir.

Guevara (2002, p. 62-63) traz, para si e para os heróis cubanos, a responsabilidade de ser exemplo para animar as lutas dos povos latinos quando afirma que “... o internacionalismo proletário é um dever, mas, também uma necessidade revolucionária, como força impulsionadora de luta contra o imperialismo, nosso inimigo irreconciliável”.

O MST, em suas práticas, faz a ligação entre o exercício do internacionalismo, a solidariedade e o trabalho voluntário, para construir permanentemente uma sociedade alicerçada no ser humano como elemento maior da natureza, com a qual deve viver de forma responsável e harmônica, tendo como metas fundamentais o cultivo do companheirismo, a igualdade e a indignação contra qualquer forma de injustiça cometida contra qualquer pessoa.

Esses sentimentos vão se consolidando no decorrer de processos de convivência e construção coletiva, na ultrapassagem de desafios, na formação constante, superando os vícios e desvios que estão incutidos em nosso ser, superando o individualismo e transformando-se em sentimentos de generosidade e de amor aos povos.

Fazendo referência à solidariedade no processo de construção da ENFF, Célio¹⁷ declarou que,

A Escola Nacional Florestan Fernandes foi uma grande Escola. Foi aqui que eu [...] conheci amigos e companheiros que me ajudaram a me livrar da pior doença que um ser humano pode ter que é o alcoolismo. Consegui trocar o vício pelo amor à organização. Esta Escola para mim foi uma grande escola, porque foi aqui que eu consegui nascer de novo.

Esses requisitos e elementos, juntamente com o trabalho voluntário, o estudo, a solidariedade, foram vitais na ENFF, unindo diferentes culturas, diferentes saberes, diferentes experiências. Havia uma cultura própria do canteiro de obras, como foi bem definido pelos jovens voluntários da Itália¹⁸ “o som do sino levanta-nos ainda sonolentos; o primeiro sino

¹⁷ Célio Augusto Moreira Reis, acampado no ES, participou da 5ª Brigada Temporária de trabalhadores voluntários e se tornou membro da Brigada Permanente.

¹⁸ Samuela, Carolina e Federico, que dedicaram trabalho voluntário na ENFF durante 30 dias no ano de 2001, vieram indicados pelo Comitê de Roma de Apoio ao MST. As duas jovens atualmente são médicas e continuam a fazer parte do Comitê de Apoio ao MST, da Itália.

que representa o início do dia, o início da vida de todo mundo”. Eles contam que os voluntários chegavam pontualmente ao som do toque do sino, para a formatura¹⁹:

Depois do café, acontece o momento mais emocionante do dia que é a formatura. A primeira vez que nós participamos desse momento, não pudemos entender toda sua importância, e nem sabíamos se todo mundo podia compreender a força que ele levava para as pessoas. A bandeira do MST perto da bandeira do Brasil, o grito dos núcleos e de toda a brigada junta, o hino, tudo contribui para que se alcance a tarefa máxima do MST: educar as pessoas para que fique no seu pensamento que a luta é justa e não deve acabar.

É no cotidiano do MST que se expressa o que cada um é, através dos gestos, da mística, da cultura, abrindo-se a oportunidade de refletir sobre as práticas que se concretizam nas lutas, nos obstáculos, influenciando nas consciências, fazendo as transformações que vão se dando de forma progressiva, a partir das ações e das vivências.

Pois foi no cotidiano, ao redor dos militantes envoltos na solidariedade e em harmonia com a natureza, que iam sendo construídas as relações, nas maiores e nas menores coisas que foram vivenciadas; nos espaços de moradia, de estudos, envolvidos enquanto coletividade e onde se geravam os conflitos, as tensões que iam transformando as práticas opressoras e dominadoras em práticas libertadoras e humanizadoras.

Guevara (2002, p. 63) defendeu que

Todos os dias é preciso lutar para que este amor à humanidade viva e se transforme em fatos concretos, em atos que sirvam de exemplos, de mobilização (...) a revolução se faz através do homem, mas o homem deve forjar dia-a-dia, seu espírito revolucionário.

A solidariedade no âmbito do MST é um valor extremamente importante e praticado de inúmeras e distintas formas. Internamente, na forma de trabalho voluntário e incentivo aos jovens, na organização e realização de mutirões de embelezamento, plantios de árvores nos assentamentos e acampamentos, trabalho solidário de plantio e estímulo à produção de subsistência. Externamente, através das doações coletivas de sangue efetivadas durante as

¹⁹ Formatura era o momento em que a Brigada, se organizava por núcleos, distribuía as tarefas, em muitos casos, rezavam e por fim, cantavam o Hino do MST, saindo para suas tarefas diárias.

atividades de formação realizadas nas universidades, doações de alimentos para creches e hospitais, ajuda na construção de escolas, mutirões de limpeza nas cidades, reformas e construção de casas em comunidades carentes, campanhas de arrecadação de materiais escolares para doação, combinando “estas ações solidárias com o cronograma de luta do estado” (MST, 1998, p. 4), de modo que fazem parte efetiva e permanente das linhas políticas do MST.

No processo de construção da ENFF, esse valor foi vivenciado a partir de cada brigada que vinha dos estados e se colocava à disposição para doar a sua contribuição militante. Mas muitos não tinham idéia da importância de participar da formação profissional, do estudo, da capacitação, do compromisso de se envolver no aprendizado de técnicas e saberes, da disciplina e da socialização de conhecimentos, para a construção de seu ser social.

Terrie (2002, p. 3), ao avaliar a sua experiência de solidariedade internacional no canteiro de obras, relata que “compreendeu somente com o decorrer do processo, que é justamente o papel dos dois meses de trabalho voluntário, fazer nascer esses compromissos, em conjunto com a construção concreta”.

Todos os momentos, desde a preparação de uma brigada para o trabalho na construção, foram partes de um conjunto de ações de formação e solidariedade, interpretadas e praticadas a cada tijolo produzido e compactado com a terra que foi misturada, fortalecendo o espírito da coletividade, pois essa ação necessitou de várias pessoas para realizá-la: alguém que peneirasse a terra, manuseasse o destorroador, alguém que levasse a mistura de terra para as máquinas, uma pessoa que manejasse cada máquina para compactar, outras que retirassem o tijolo pronto, delicadamente e o colocassem ao lado daqueles já produzidos.

Para Guevara (2002, p. 55) é coerente refletir que, ao envolver-se no processo de luta pelas mudanças, primeiramente ultrapassando os limites do ser isolado, alienado, de homem-mercadoria, cuja obrigação era satisfazer suas necessidades através do trabalho,

... o homem começa a libertar seu pensamento [...] e começa a se ver retratado em sua obra e a compreender sua magnitude humana através do objeto criado, do trabalho realizado. [Isso significa ter o trabalho como uma] emanação de si mesmo, uma contribuição à vida comum, em que se reflete.

Foi a partir deste processo que envolveu estudo teórico e sistemático e reflexões realizadas nas noites, fazendo a interlocução com as práticas no canteiro de obras e da

possibilidade de comparar as vivências do passado, com o presente, que muitos membros voluntários das brigadas, desafiaram-se a voar mais alto e a ultrapassar os limites do conhecimento para avançar na continuidade ou conclusão dos estudos iniciados anteriormente e deixados para trás, pelas diferentes circunstâncias históricas.

Assim, as noites, os intervalos, os dias de folga, transformaram-se em espaços permanentes de estudos, tendo à frente novamente a solidariedade, desta vez praticada por membros da própria Brigada Permanente e por professores externos à ENFF, que contribuíram e fortaleceram seus aprendizados para a realização das provas supletivas. Aprovados, não pararam mais e, passaram às aulas freqüentadas na escola do bairro e, estudar passou a ser a palavra de ordem neste novo espaço em que mergulhavam e, que se constituiu em um fascinante caminho que se abria para a liberdade.

Referindo-se às experiências adquiridas, Schlickmann, declarou que, a ENFF foi um espaço muito propício para o exercício de diferentes valores, principalmente a solidariedade, no respeito às limitações, no sentido de refletir conjuntamente,

O que o MST quer com a ENFF, e, o que ele quer de cada um, qual é nosso pape? As reflexões traziam como fruto, maior clareza, que, juntamente com os estudos, o acesso aos livros e à biblioteca, iam trazendo elementos para que as pessoas fossem superando as dificuldades, ajudando a equiparar-se minimamente em suas debilidades, que, por outro lado, são muito pequenas perto do significado da Escola.

Se, durante todos esses anos, a ENFF foi um exercício de formação para os voluntários que vivenciaram este processo, construindo-a coletivamente, chegava o momento de avançar na discussão e compreensão coletiva da ENFF, enquanto a política de formação de quadros da organização, uma de suas necessidades emergentes. A cada discussão coletiva nas instâncias e setores, novas inquietações surgem e fazem aflorar outras frentes de debates, outras inquietações.

Pode-se dizer que o terreno está preparado para dar continuidade ao plantio. Torna-se necessário cuidar das sementes para que germinem e, germinando, regá-las para que cresçam, se multipliquem e produzam bons frutos. Conseqüentemente, colher-se-á novas e saudáveis sementes. A ENFF já é o canteiro. Acredita-se que nem todos terão o privilégio de celebrar as

colheitas, porém, o importante é saber-se semente do novo homem, da nova mulher e da nova sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disse muito acertadamente o poeta “caminhante, não há caminho, se faz o caminho ao andar”. É evidente esse enunciado no processo de construção da ENFF, pois, o que a princípio era um projeto, um sonho, foi se tornando realidade como resultado de um processo coletivo, carregado de simbologias.

A partir do percurso teórico e prático percorrido neste estudo, que buscou dar conta da reflexão sobre a importância do trabalho desenvolvido no âmbito da construção da ENFF, alargou-se o caminho que já existia; ampliou-se a visão, passando a enxergar mais além, e, foi possível perceber mais claramente, que existem jeitos diferentes de caminhar e de construir o caminho.

Neste sentido, a ENFF representou em todo esse processo, um símbolo da necessidade de ter o estudo como um valor, condição fundamental para a construção de um projeto alternativo, digno, solidário, humano para os trabalhadores e trabalhadoras, jovens e mulheres especialmente. E, nas relações com a sociedade, a ENFF se constituiu com a responsabilidade de ser um modelo da escola pública, gratuita e de qualidade, defendida por Florestan Fernandes e cuja construção foi regida por dois valores fundamentais: o estudo e o trabalho, pois, somente através deles, os trabalhadores e trabalhadoras são capazes de transformar suas consciências, condição básica para a transformação do Brasil.

É importante que se diga que a ENFF não é somente seu espaço geográfico, tampouco a estrutura física, agora, efetivamente consolidada. Antes mesmo de seu nascimento, ela já era o conjunto de ações políticas e formativas/ pedagógicas, que se desenvolviam através das atividades organizadas e realizadas pelo MST, independentemente do local e momento da sua realização. É um processo dinâmico, dialético, que vai sendo construído no cotidiano, tratando-se por formação toda a ação desenvolvida, os espaços/ momentos de cursos, seminários, encontros (estudos científicos, da realidade, da metodologia do trabalho popular, da história, da filosofia da economia, etc.), as marchas e os acampamentos nas cidades,

vinculados com os problemas orgânicos, com o momento histórico, onde o processo da práxis seja um permanente agir e pensar de todos os dirigentes e militantes do MST.

Por outro lado, ela tornou-se uma oportunidade para muitos trabalhadores e trabalhadoras que foram antes, deserdados da terra, de fazer ouvir pela primeira vez, a sua própria voz, em um espaço no qual foram os verdadeiros construtores de si próprios, a partir dos erros e acertos. Estes se constituíram em elementos de desconstrução lenta e gradual da cultura dominante e dos vícios, tornando-se um espaço efetivo de vivências de novos valores, tendo à frente, o trabalho enquanto elemento formador e livre da opressão do modo de produção capitalista, carregado de solidariedade.

A ENFF tem sido uma Escola em permanente construção, em movimento, a partir das contradições do dia-a-dia. Essas, por sua vez, foram construindo as pessoas através do trabalho de suas mãos e mentes, materializando a obra do próprio ser humano, respirando e sentindo o cheiro da terra e o ar da construção, criando conhecimentos, porque são as pessoas, em diferentes práticas e circunstâncias, que geram as transformações.

Fica evidente que o trabalho foi o elemento “chave” na construção da ENFF, alicerçado por outros elementos que proporcionaram a reflexão e, conseqüentemente o avanço rumo à construção dos seres humanos, como é prática no conjunto do MST. Ficou patente mais uma vez, que ele, o trabalho, não pode ser uma espécie de “apêndice” nos processos de formação, pelo contrário, deve permear o todo da organização, a fim de ir forjando sujeitos sociais com consciência e capacidade de fortalecer o processo organizativo nos acampamentos e assentamentos e, conseqüentemente a luta por condições dignas de vida para as organizações de trabalhadores do Brasil, da América Latina e por que não, do mundo.

Pode-se afirmar que a experiência desenvolvida no âmbito da construção da ENFF, recoloca e reforça o significado do Trabalho Voluntário como um valor primordial para a sociedade livre. A experiência aqui desenvolvida resgata esse valor da esquerda mundial. Serve de referência para os movimentos e organizações que não perderam a esperança no futuro e, por isso, continuam construindo no presente as suas bases e os seus fundamentos de uma sociedade socialista, em detrimento da sociedade capitalista, que no presente é uma realidade.

O Trabalho Voluntário, está comprovado, é um valor que liberta, tanto o próprio trabalho, como o sujeito que o exercita, dando um novo sentido à sua vida e fortalecendo a busca por uma sociedade que coloque em seu centro a dignidade e a vida humana e não o

lucro, a exploração capitalista. Portanto, o trabalho voluntário, a solidariedade e a formação, praticados no âmbito da ENFF, são, em um espaço micro, ensaios daquilo que os homens livres são capazes de edificar para eles próprios e para a sociedade como um todo. Só seremos livres se a liberdade de uns, for liberdade para todos/as.

Essa experiência não se conclui, deixa aberta a porta por onde continuarão entrando e se formando as personagens vivas da efetivação de uma nova sociedade que se luta para construir e, que vai se concretizando nestes valores, já praticados no conjunto do MST e, em particular, nas vivências cotidianas no espaço da ENFF. Pois, para além de suas paredes, ela se projeta como espaço de construção de valores cuja grandeza a teoria não consegue dar conta de sintetizar, porque toda prática é sempre mais criativa do que a teoria que dela brota.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo (org). *A Dialética do Trabalho*. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, SP, 2004.

BOUCINHAS. Caio. *Projeto Paisagístico da ENFF*. São Paulo, 2001 (Mimeo).

BOGO, Ademar. *O papel da formação no trabalho de Base - Ademar Bogo*. BA, 2001. Mimeo

_____. *Cartas de Amor, nº 105*. Ao Trabalho Voluntário. São Paulo: MST, 2004.

_____. *Cartas de Amor, nº 109*. A quem constrói. São Paulo: MST, 2004.

COMITÊ DE APOIO AO MST DE BARCELONA (Cataluña). *Homenagem à inauguração da Escola Nacional Florestan Fernandes*. Barcelona, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUEVARA, Che. *O socialismo Humanista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. Che. *Socialismo e Juventude; textos e fotos*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2002.

LÖWY, Michael. *O Pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARCH, Aleída. *Che Guevara habla a la juventud*. N. York, EUA: Pathfinder Press, 2000.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1, Volume I. São Paulo: Difel, 1984.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: *Campanha de Construção da Escola Nacional do MST*. Caderno de Formação nº 29. São Paulo, 1998.

_____. *Construção da Escola Nacional Florestan Fernandes*. Texto do 1º vídeo sobre a construção da escola. São Paulo, 2003. (Mimeo).

PISTRAK, M. M. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

TERRIE, Julien. *Avaliação da experiência de trabalho voluntário na Escola Nacional Florestan Fernandes*. França, 2002 (Mimeo).